vinetur

Recuperação nos EUA impulsionou as exportações de vinho italiano em 5,1% em agosto

As expedições nos primeiros oito meses continuaram a cair 3%, evidenciando uma recuperação frágil, largamente dependente da procura norte-americana

domingo, 15 de novembro de 2026



As exportações de vinho italiano deram sinais de melhoria em agosto, mas a recuperação continuou desigual e ainda muito dependente dos Estados Unidos, segundo dados provisórios do Istat analisados pela WineNews na sexta-feira, 13 de novembro.

Entre janeiro e agosto, Itália exportou vinho no valor de 4,85 mil milhões de euros, menos 3% do que no mesmo período de 2025. Foi uma melhoria face à queda de 6,2% registada a meio do ano e ao recuo de 5,3% comunicado no final de julho. Só em agosto, as exportações atingiram 506,8 milhões de euros, mais 5,1% do que em agosto de 2025.

O mercado norte-americano foi o principal fator para a redução da queda global. As vendas para os Estados Unidos, o maior mercado externo de vinho italiano, totalizaram 1,1 mil milhões de euros nos primeiros oito meses do ano, ainda assim menos 8,3% do que no mesmo período de 2025. No entanto, a queda acumulada era de 11,2% até julho e agosto trouxe uma forte recuperação. As exportações para os Estados Unidos subiram para 112,1 milhões de euros em agosto, face a 92,5 milhões de euros no ano anterior, um aumento de 21,1%.

A subida foi suficiente para alterar a média do ano até ao momento, mas não para provar que a procura recuperou por completo. Com base nos valores publicados, a queda total das exportações de vinho italiano até agosto foi de cerca de 150 milhões de euros face ao período homólogo de 2025. O défice no mercado norte-americano, por si só, aproximou-se dos 100 milhões de euros, o que sugere que cerca de dois terços da quebra global tiveram origem nesse país. Os valores são aproximados, mas mostram até que ponto o desempenho das exportações italianas continua a acompanhar a evolução do mercado norte-americano.

Os dados continuam também incompletos. A WineNews assinalou que ainda não estão disponíveis os valores relativos aos volumes, pelo que não é possível distinguir as variações nas expedições físicas das alterações nos preços ou na composição dos produtos. Este aspeto é importante num setor em que os rótulos premium, os vinhos espumantes e as expedições a granel podem influenciar os valores de formas diferentes.

Até agosto, os outros principais destinos de exportação continuaram a apresentar resultados mais fracos. A Alemanha importou vinho italiano no valor de 701,4 milhões de euros, menos 5,5% do que um ano antes. O Reino Unido também caiu 5,5%, para 479,1 milhões de euros. O Canadá recuou 6,1%, para 265,8 milhões de euros. A China foi a principal exceção. As exportações para aquele país aumentaram 21,7%, ultrapassando os 51 milhões de euros, num crescimento que a WineNews descreveu como robusto e impulsionado sobretudo pelos vinhos espumantes. Ainda assim, a China representava apenas uma pequena parcela das exportações totais de vinho italiano, o que limita a sua capacidade para compensar a fraqueza dos maiores mercados ocidentais.

Uma análise setorial distinta aponta para a mesma cautela. A Tenute agricole 24, numa síntese semanal que citava estimativas do observatório da Unione Italiana Vini, afirmou que as exportações para mercados fora da União Europeia aumentaram 8% em valor no terceiro trimestre, com uma subida de 17% nos Estados Unidos. Mas o quadro acumulado dos primeiros nove meses continuava negativo: -3% nos mercados extracomunitários e -6% nos Estados Unidos. Isto sugere que a melhoria pode ser real, mas continua frágil.

A mesma síntese referiu que parte da recente recuperação nos Estados Unidos poderá refletir a reposição de stocks por parte dos importadores, e não um aumento claro da procura dos consumidores. Esta distinção é importante. Um aumento das encomendas dos distribuidores pode fazer subir os dados das exportações no curto prazo, mesmo que as garrafas não estejam a sair mais depressa das prateleiras das lojas e das cartas de vinhos dos restaurantes. Para as adegas, os importadores e o setor das bebidas em geral, isso pode influenciar as decisões sobre planeamento das exportações, preços e gestão de stocks. Se a recente força do mercado norte-americano se dever sobretudo a um ciclo de reposição de stocks, poderá não sustentar uma recuperação duradoura das expedições.

Os dados das exportações também devem ser analisados à luz da situação da oferta em Itália. A 31 de outubro, os stocks de vinho nas adegas ascendiam a 47,7 milhões de hectolitros, mais 7,2% do que um ano antes. O reforço das exportações pode ajudar a reduzir esse inventário, sobretudo após meses de menor procura externa. Mas uma

queda de 3% até agosto, a par de adegas mais abastecidas, continua a apontar para a pressão sobre os produtores para manterem as vendas na reta final do ano.

O quadro, portanto, não é tanto o de uma recuperação generalizada, mas o de uma melhoria parcial impulsionada por um único mercado. Os Estados Unidos continuam a ser o fator decisivo para o vinho italiano no estrangeiro, tanto quando a procura enfraquece como quando recupera. Os dados de setembro deverão mostrar se agosto assinalou o início de uma recuperação mais estável ou se foi um mês isolado, impulsionado pelas compras dos importadores.